

**IMAGENS DO PROFESSOR EM
PÂNTANO DE SANGUE E DROGA DE AMOR
DE PEDRO BANDEIRA**

Juliana Zanco Leme da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva a análise da construção da imagem professor em duas obras de Pedro Bandeira: *Droga de amor e Pântano de Sangue* da série *Os Karas*. Nessa série, em que os adolescentes Magrí, Chumbinho, Calú, Miguel e Crânio se envolvem em várias aventuras que combinam amizade, perigo, suspense e amor, ingredientes indispensáveis para envolver o público infanto-juvenil, verifica-se que o desencadeamento do enredo acontece através de fatos ocorridos com as personagens de professores. Para tanto, o trabalho está organizado em três tópicos. No primeiro intitulado: “A Literatura infanto-juvenil e a imagem do professor em Pântano de Sangue”, há um paralelo entre os acontecimentos sócio-históricos e a imagem retratada do professor na obra Pântano de Sangue. Já o segundo, “A imagem do professor em A Droga de Amor” consiste na análise de uma personagem caricatural, de Dona Iolanda, uma professora de Educação Física. E por fim: “Conclusão sobre a construção das imagens do professor em Bandeira” que remete a um paralelo sobre a constituição de imagem do professor nas duas obras de Pedro Bandeira.

Palavras-chave: Pedro Bandeira – imagem – professor – literatura infanto-juvenil.

ABSTRACT

This study aims to analyze the construction of the teacher's image in two works of Pedro Bandeira: *A Droga de Amor* and *Pântano de Sangue* of the series *Os Karas*. In this series, the teenagers Magri, Chumbinho, Calú, Miguel e Crânio, engage in various adventures that combine friendship, danger, suspense and love, essential ingredients to involve the juvenile population. As we can see, the history flows and happens through events occurring with the characters of teachers. To this end, this work is organized into three topics. In the first entitled "Literature juvenile and the image of the teacher in *Pântano de Sangue*", there is a parallel between socio-historical events and the image portrayed in the book *Pântano de Sangue*. The second, "The image of the teacher in the book *A Droga de Amor*" is the analysis of a caricatural character of Dona Yolanda, a Physical Education teacher. And finally: "On the construction of images of the teacher in the work of Pedro Bandeira", which refers to a parallel about the constitution on the image of the teacher in the two works of Pedro Bandeira.

Keywords: Bandeira, Pedro - image - teacher - Literature juvenile.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

A Literatura infanto-juvenil e a imagem do professor em Pântano de Sangue

Levando-se em conta que a narrativa da cultura de uma nação pode ser contada e recontada através da literatura, cultura popular e mídia, pois fornecem imagens e experiências compartilhadas que constituem momentos históricos. (HALL, 2011, p. 52). E que

As diversas maneiras pelas quais são construídas as imagens de escola e de leitura nas obras literárias podem ajudar a compreender os complexos liames entre o mundo da escrita literária e o mundo social, dimensões que, de acordo com a perspectiva por nós adotada, não se constituem de modo apartado. Pesquisar na ficção as figuras e cenas de escola e de leitura é, deste modo, restabelecer e renovar o antigo diálogo entre a representação e a realidade. Que espaço foi reservado para o texto literário no espaço social? Como a literatura infanto-juvenil representa a escola, os professores os alunos, o ensino e a leitura a partir da década de 1980? Há um reforço ideológico nestas representações ou elas acenam para rupturas? Quais as relações que emergem dessas obras? (FERNANDES, 2004, p. 129)

Assim, Pedro Bandeira ao construir a personagem de um professor de matemática, Sr. Elias, em *Pântano de Sangue*, que trabalha em um colégio denominado Elite, retrata um tipo específico de escola, a particular; de professor, o mal remunerado; de alunos, de uma classe social alta. Logo, ele estabelece um diálogo entre a realidade e a ficção. A personagem para Cândido (2011, p.55)

[...]é um ser fictício, - expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação de fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo grau de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem que é a concretização deste.

É importante ressaltar que essas construções configuram uma visão diferenciada da literatura infanto-juvenil, visto que foi inserida na escola brasileira no final do século XIX, com objetivo de civilizar e educar, todavia, percebe-se, em Bandeira, uma escola totalmente diferente, na qual os protagonistas, *os Karas*, têm a escola como “ponto de encontro” para reuniões, as quais lhes possibilitam iniciar, discutir e planejar aventuras e, em nenhum momento, a escola é colocada como disciplinadora.

É notório que o ao nomear o colégio Elite, o autor remete o leitor a um lugar frequentado por alunos de classe alta, onde o ensino deve ser excelente, apesar de não estar explícito na obra, mas quando se pensa em um Colégio Elite, a imagem construída é que há nesse colégio os equipamentos mais modernos, laboratórios de última geração, professores e alunos geniais.

Estas hipóteses são confirmadas durante a construção da narrativa, pois ao caracterizar os protagonistas – Os *Karas* – é verificado que Magrí, a única menina do grupo é a melhor jogadora de vôlei e ginasta do colégio, ou seja, é ágil, inteligente, disciplinada e estrategista; Miguel, líder nato, consegue extrair de cada membro do grupo o melhor; Calú, um ator que sempre ocupa os papéis principais no grupo de teatro da escola; Crânio é simplesmente o menino mais inteligente da escola e Chumbinho, o mais novo do grupo, é muito esperto.

Em Pântano de Sangue, a investigação dos detetives mirins do Colégio Elite acontece devido à morte do professor de matemática, Sr. Elias, que é lembrado por Crânio por sua genialidade, originalidade e situação financeira precária:

Crânio lembrava-se da genialidade do professor Elias, aquele homem magro, malvestido, sempre de sandálias, que vivia a contar tostões em troca de educar os jovens das famílias mais ricas da cidade. Lembrava-se da originalidade do professor e de sua estranha teoria: para o professor Elias, a Matemática era a única ciência verdadeiramente humana. Como? Para ele, isso era claro: a natureza cria seus fenômenos físicos, químicos e biológicos e geográficos independentemente da ação do homem, mas a natureza não cria teoremas, equações, nem logaritmos. Isso são criações humanas. (BANDEIRA, 1994, p. 9).

Nota-se que a imagem do professor é constituída através de uma personagem que é genial, embora apresente características de uma classe social desfavorecida, isto é evidenciado quando ele é descrito como “malvestido” e “contando tostões”, ou seja, a genialidade não faz com que o professor tenha êxito financeiro. Aqui, o autor já reflete o declínio social ocorrido na carreira deste profissional, pois ao construir uma imagem de professor que contrapõe a genialidade e a má remuneração, Bandeira, denuncia um aspecto falho à cultura brasileira que historicamente privilegia a produção material de uma maneira muito mais intensa do que a produção intelectual. Buarque (2011, p. 40) afirma que “A educação não é orgulho do povo brasileiro, que prefere vangloriar-se de sua indústria, agricultura, cerveja, de suas estradas, do futebol, do tamanho dos shopping centers.”

Logo, um professor genial em um país cuja cultura tem outras prioridades, jamais receberia o suficiente para lecionar de maneira brilhante como o professor Elias, em *Pântano de Sangue*, é descrito por Crânio:

Então, por que a maioria dos estudantes têm problemas com a matemática? Bem, talvez isso ocorra com a maioria, mas nunca com os alunos do professor Elias. Para eles, a Matemática era uma ciência fascinante, e o professor Elias, um verdadeiro ídolo. (BANDEIRA, 1994, p.10)

A trama toda acontece devido à baixa renda do professor Elias, que para complementar seu orçamento trabalha como fotógrafo: “Vocês sabem que o professor Elias trabalhava de vez em quando como fotógrafo para ganhar algum dinheiro extra, não sabem?” (BANDEIRA, 1994, p. 10). Uma vez que sua renda não é suficiente, ele aventura-se pelo Pantanal para fotografá-lo, todavia fotografa imagens que denunciam o tráfico de drogas e a matança indiscriminada de jacarés no Pantanal, por isso é perseguido e assassinado.

É importante salientar que o enredo é construído por meio das personagens, pois são elas que vivem o enredo, ambos estão interligados, a fim de transmitirem a ótica da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam (CANDIDO, 2011, p. 53-54).

Outra característica do professor é a preferência por um aluno: “Você era o aluno predileto do professor Elias, Crânio – argumentou Miguel” (BANDEIRA, 1994, p. 9), caracterizado pelos colegas de “geniozinho”, cujo apelido configura um educando que se sobressai aos outros, inclusive, este relacionamento desperta em Crânio a vontade de fazer “justiça” e descobrir, de fato, o que ocasionou a morte do professor.

Com referência à caracterização da personagem, segundo Prado (2011, p. 88), “Os manuais de *playwriting* indicam três vias principais: o que a personagem revela sobre si mesma, o que faz, e o que os outros dizem.” É importante salientar que as características da personagem professor em *Pântano de Sangue* foram construídas apenas em duas vias: do que ela faz e da dos que os outros dizem a seu respeito, visto que a história já é iniciada com a morte do professor.

Percebe-se que essa personagem cumpre um papel fundamental, tanto na narrativa como de denúncia social, retratando um grupo, nesta narrativa de professores, que dedicam seus dias em estudar, muitas vezes ensinando pessoas de uma classe social superior, sem reconhecimento financeiro.

Apesar de Os *Karas* serem os protagonistas da trama, a personagem do professor é de extrema importância na história, pois além de desencadear todo o enredo, fornece também

“pistas” para solucionar mais uma investigação do grupo de adolescentes. Crânio é quem inicia a investigação, pois considera estranho aquele assalto seguido de morte por alguns trocados que estariam no bolso do seu professor de matemática: “Ele foi assassinado por causa de alguns trocados que trazia no bolso – acrescentou Magrí. – Nem era dia de pagamento. Isso é São Paulo”. (BANDEIRA, 1994, p. 9).

A característica que norteia a investigação é a organização do professor observada pelos alunos, em especial por Crânio: “O professor Elias era muito organizado. A ordem para ele era uma verdadeira mania” (BANDEIRA, 1994, p. 11), devido a essa característica, com certeza observada em sala de aula, o menino resolve visitar a viúva para procurar indícios do suposto assassinato:

A viúva me deixou examinar a malinha dele. Tudo parecia em ordem, como verificou a polícia. Junto com outras coisas havia esta caixa de *slides*. São fotos do Pantanal feitas por ele durante os feriados da semana santa. Ele estava tentando vendê-las para alguma revista. (BANDEIRA, 1994, p. 11)

O menino examina o material minuciosamente e percebe que os *slides* não estão na devida ordem, a partir daí uma nova aventura inicia aos detetives mirins, pois Crânio resolve seguir o percurso realizado pelo professor, no Pantanal, para descobrir quais imagens teriam sido “roubadas” do caixa de *slides*, pois essas trariam a resposta àquele crime que abalou todo o Colégio Elite.

O Pantanal, lugar escolhido para o desenvolvimento da narrativa, é denominado Pântano de Sangue, visto que é palco de assassinato de índios, jacarés e do homem branco, do tráfico de drogas do contrabando e, mais uma vez, de superação para *Os Karas*, certamente se o professor Elias fizesse parte do grupo ele teria “farejado” quem eram os criminosos e não teria sido por morto, pois Crânio descobre que a morte do professor acontece por pura ingenuidade:

- O professor Elias não desconfiava de nada, Bezerra. Não tinha consciência de ter descoberto nada. Tudo o que ele pretendia era vender os *slides* que fez no Pantanal para algum jornal ou revista.
- E acabou mostrando os *slides* para algum informante do crime organizado. Malditos! (BANDEIRA, 1994, p.60)

Verifica-se que esta imagem ingênua é paradoxal em relação à genialidade descrita do professor durante a narrativa, mas é importante salientar que a personagem foi construída desta maneira, para que as personagens dos detetives mirins participassem de mais uma

aventura, uma vez que são perspicazes e enxergam o perigo de longe e resolvem as situações mais inusitadas de toda a narrativa.

A imagem do professor em *Droga de Amor*

A obra *Droga do Amor* traz no título duplo sentido: o primeiro diz respeito a uma droga, ou seja, um soro capaz de curar a praga do século adquirida através da relação sexual, no livro a doença não recebe um nome, todavia há indícios que seja a AIDS. O segundo, ao clima de amor vivido pelos heróis mirins, todos os *Karas*, com exceção de Chumbinho, o mais novo, apaixonam-se por Magrí e este amor faz com que o grupo de detetives se desfaça temporariamente.

O enredo consiste em Magrí se ausentando do país para participar de um Campeonato Mundial de Ginástica, sendo a única representante do Brasil, junto à sua professora de Educação Física, deixando para trás Calú, Crânio e Miguel todos apaixonados por ela e por isso com ânimos alterados.

A menina não sabe dos problemas surgidos entre os detetives mirins e nem sonha com o fim do grupo, mas Chumbinho que não consegue compreender o motivo da separação da equipe e fica sabendo da suposta fuga do Dr. Q.I., criminoso que foi preso pelos *Karas*, manda um telegrama à menina pedindo que ela volte ao Brasil. Mediante o pedido de seu amigo, Magrí resolve simular uma torção no tornozelo para voltar.

Ao mesmo tempo, o Brasil está sendo manchete de todos os jornais em nível mundial, porque é o local escolhido para o “lançamento” do soro denominado Droga do Amor, por um jornal criativo, trazida por um cientista estrangeiro. A narrativa envolve muita ação e suspense, mas este trabalho, como já explicitado, se atem à análise da imagem do professor construída no enredo.

Neste contexto, surge a imagem de uma professora de Educação Física e treinadora de Magrí, a melhor ginasta do Brasil, Dona Iolanda, que a acompanhara a Nova Iorque para disputar o Campeonato Mundial de Ginástica. Percebe-se que o narrador-observador ao descortinar a personagem, professora, remete o leitor a uma professora não muito comum. Também revela uma professora impulsiva e controladora:

Como um furacão que chega sem avisar, uma mulher alta e magra entrou no apartamento de Magrí, empurrando um carrinho com um farto café da manhã americano que um garçom acabara de trazer.

- Bom dia, bom dia, Magrí! O que esses americanos pensam? Que nós viemos do Brasil para fazer regime de engorda? Se você comer a metade do que tem nessa bandeja, é melhor mudar da ginástica olímpica para o sumô! (BANDEIRA, 1994, p.9)

O substantivo “furacão” que, na verdade, assume o papel de adjetivo, visto que estabelece a construção de uma professora que chega para transformar uma situação confortável em outra desconfortável, ou até mesmo para destruir algo. Ao empurrar o carrinho de café da manhã para dentro do quarto, é fato que ela conversa com o funcionário e praticamente impõe a ele que a deixe levar o carrinho ao quarto, apesar de não estar explícito no texto, mas pela construção das atitudes da personagem, isto é praticamente óbvio.

Isto se dá, pois ela tinha o objetivo de controlar toda aquela situação, até mesmo o que Magrí comeria ou não, para que a menina tivesse um bom desempenho no Campeonato. As construções de frases interrogativas com tom imperativo, citadas acima, denotam uma pessoa autoritária, apesar do humor presente em cada uma delas.

O narrador continua apresentando a personagem como furacão exigente e estafante para os atletas e relata a conversa entre Magrí e a professora durante a viagem, na qual a professora exige que a menina ganhe o campeonato. Frases como: “Você *tem* de ganhar”; “Você *vai* ganhar essa competição”; “... a professora a pressionava” (BANDEIRA, 1994, p.9 GRIFO DO AUTOR) sinalizam a imposição da professora.

A personagem ainda é apresentada, pelo narrador, como mal educada, pois entra no quarto da menina sem bater, falando sem parar, impondo regras e exigindo muito: “Não deve ser dona Iolanda”, pensou a menina, pois a professora entrava em seu quarto a qualquer hora, sem a menor cerimônia”. (BANDEIRA, 1994, p. 23). Segundo BRAIT (2004, p.20), a caracterização é “o processo utilizado pelo narrador para criar a ilusão da existência de espaços e personagens”.

Logo, forma-se uma caricatura, visto que a professora é demasiadamente falante, mal educada e autoritária. Para Brait (2004, p. 41), “quando a qualidade ou ideia única é levada ao extremo, provocando uma distorção propositada, geralmente a serviço da sátira a personagem passa a ser uma caricatura”. Outra característica que enfatiza a caricatura é a inocência da personagem, apesar de todas as características acima apresentadas e com a experiência em treinar atletas e suposta intimidade com Magrí, a personagem é enganada pela menina que finge ter machucado o tornozelo para voltar ao Brasil:

Dona Iolanda estava quase chorando na hora do embarque.

- Que azar, Magrí! Você foi se machucar quando faltavam só dois dias para a prova final! Ai, ai, ai! Só pode ser praga. A culpa foi minha. Eu não devia ter forçado tanto os treinamentos...
- Que nada, dona Iolanda – consolava-a Magrí, enquanto fingia manquitolar ao lado da professora, na fila de embarque do Aeroporto Kennedy. – Isso acontece. Já estou muito grande para o triplo mortal de costas. Cai de mau jeito... (BANDEIRA, 2004, p. 27)

A caricatura é construída através da apresentação do narrador, da fala de Magrí e pela própria construção do comportamento e da fala da personagem: “Ai, ai, ai! Só pode ser praga”, a repetição das palavras o uso de termos não técnicos, que abordam credices populares caracteriza a constituição da personagem caricatural da professora. Assim sendo, a construção da personagem é feita em três vias: o que se diz dela, o que ela faz e o que ela revela sobre si.

No desenrolar da narrativa, as características caricaturais apresentadas são reforçadas, como por exemplo, no momento em que a professora descobre que no avião de regresso está o cientista que trará o soro para cura da AIDS e acorda a menina de maneira excitadíssima:

- Acordou com a voz excitada de dona Iolanda:
- Ai, Magrí! Você nem imagina quem está no avião, junto com a gente! [...]
- Dona Iolanda estava animadíssima:
- Você já ouviu falar na Droga do Amor? Já ouviu? [...]
- E você sabia que o teste final da Droga do Amor vai ser feito no Brasil? Hein? No Brasil? [...]
- Magrí seguiu a direção do dedo apontado pela professora. [...]
- Esses são os dois salvadores da humanidade, Magrí! Venha. Vamos pedir um autógrafo! [...]
- Mas a professora já tinha tirado uma agenda e uma caneta da bolsa e corria pelo corredor, em direção aos dois cientistas. (BANDEIRA, 1994, p.32)

A linguagem e o comportamento infantilizados da personagem constroem a caricatura de Dona Iolanda, expressões como “ai”, repetições para enfatizar ideias: “Já ouviu?”, “No Brasil?” “Hein”, e atitudes como correr pelo corredor denotam uma personagem que possui características fixas e ridículas.

A constituição dessa personagem é indispensável ao desenrolar da trama, pois ao pegar o autógrafo e até mesmo a atitude impensada da professora ao desembarcar no Brasil, quando percebe que está acontecendo um seqüestro do cientista inventor da *Droga do Amor* e grita: “Ei! O que está acontecendo” “Parem com isso!” e um dos bandidos a baleiam,

desencadeia mais uma aventura dos Karas e através do autógrafo conseguido fornece pistas para a identificação dos criminosos.

Sobre a construção da imagem do professor em *Bandeira*

Nas duas obras analisadas, Bandeira constrói imagens totalmente diferentes de professores, em *Pântano de Sangue*, o professor Elias é uma personagem que reflete um momento histórico e cultural de declínio sócio-econômico do professor, que necessita de, apesar de toda a genialidade, fazer trabalhos extras para sustentar-se.

É notório que apesar da representação de um grupo construído pela personagem, com relação à má remuneração, o professor de matemática não pertence ao grupo de professores tradicionais, pois desenvolve suas aulas de maneira original e torna a Matemática interessantíssima, criando, assim, vínculos com seus alunos. O que constitui a abordagem Sócio-cultural em educação, como descrita por Mizukami (1986, p. 94):

Toda ação educativa, para que seja válida, deve, necessariamente, ser precedida tanto de uma reflexão sobre o homem como de uma análise do meio de vida desse homem concreto, a quem se quer ajudar para que se eduque. O homem se torna, nesta abordagem, o sujeito da educação.

Apesar da constituição da personagem ser fruto das lembranças de Crânio, caracterizada pelo narrador, é clara a ação educativa realizada pelo professor Elias, pois ao lembrar-se da originalidade do professor é notória a abordagem reflexiva sobre o meio em que os alunos vivem e a matéria, pois como já explicitado, a matemática para os alunos do professor Elias era uma ciência fascinante e ele um verdadeiro ídolo. Portanto, há a preocupação com o processo de aprendizagem, o diálogo é desenvolvido e os alunos participam do processo da construção do conhecimento de maneira conjunta ao professor.

Já em a *Droga do Amor*, a personagem do professor é construída de maneira caricatural, as características apresentadas são extremas, Dona Iolanda, a professora e treinadora, é autoritária, impulsiva e em alguns momentos de “furacão”, como caracterizada pelo narrador, impõe à Magrí o que ela deve comer, quanto tempo deve treinar e não se dispõe a ouvi-la, em relação aos seus temores, caracteriza um professor tradicional, visto que Magrí só é instruída e é submissa à instrução. Todavia, ela tem comportamentos infantilizados e

apresenta uma inocência que não é comum ao professor tradicional, ou seja, uma personagem quase inclassificável.

É importante ressaltar que ambas as personagens constituem o quadro de professores do Colégio Elite e embora com características tão diferentes, apresentam algo em comum: são os melhores professores dentro de cada disciplina, haja vista a genialidade descrita do professor Elias e a excelência de suas aulas e o nível de competição que Magrí está participando, devido ao trabalho árduo de Dona Iolanda. Logo, o Colégio Elite faz jus ao seu nome, pois agrega os melhores profissionais e possibilita o crescimento individual do aluno e fornece subsídios à aprendizagem, o que é uma característica inovadora às escolas brasileiras que são, por excelência, tradicionais.

Em linhas gerais, as obras configuram as imagens dos professores de maneira inovadora, pois a temática que envolve essas personagens não traz uma lição de moral ao aluno, o que configura uma inovação à literatura infanto-juvenil e são muito bem construídas, pois “uma caracterização bem-feita é aquela que torna viva a presença das personagens na imaginação do leitor” (CABRAL; MINCHILLO, 1991, p.11) e com certeza as características apresentadas nas obras tornaram vivas as imagens dos professores.

Referências Bibliográficas

BANDEIRA, Pedro. *A droga do amor*. 6ª ed. São Paulo: Moderna, 1994.

_____. *Pântano de Sangue*. 63ª ed. São Paulo: Moderna, 1994.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

BUARQUE, Cristovam. *A Revolução Republicana na Educação*. São Paulo: Moderna, 2011.

CABRAL, Isabel Cristina Martelli; MINCHILLO, Carlos Alberto Cortez. *A narração: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1991.

CÂNDIDO, Antonio (et al.). *A personagem de ficção*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. *Literatura infanto-juvenil e estatuto literário*. Moara. Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém: CLA/UFPA. n. 21.p. 129-154, jan-jun.,2004

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: As abordagens do processo*. 10ª ed. São Paulo: EPU, 1986.

PRADO, Décio de Almeida. *A personagem no teatro*. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *A personagem de Ficção*. 12ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.